

O esporte enquanto direito dos corpos diversos

Jacqueline Cristina Jesus Martins

CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano

Este relato apresenta a experiência de um trabalho realizado nas aulas de Educação Física no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano, uma escola exclusiva para a modalidade EJA. A diversidade de estudantes, incluindo jovens, idosos, pessoas com deficiência e pessoas LGBTQIA+, requer que as aulas de Educação Física abordem e discutam a participação desses indivíduos nas práticas corporais.

No ano de 2022, a disciplina de Educação Física colaborou com a área de ciências humanas, adotando o tema central: diversidade e direitos humanos. A Educação Física trouxe para as aulas a tematização: "O esporte como direito dos corpos diversos". E o objetivo desse trabalho foi conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar o entendimento dos estudantes sobre a presença de diferentes corpos nas práticas corporais.

O trabalho teve início com uma aula em que apresentamos o tema e iniciamos um debate sobre os padrões de beleza corporal. Uma das questões que provocaram o debate foi: Você está satisfeito(a) com o seu corpo? Se pudesse, faria alguma mudança nele? A partir desse momento, foi evidente o quanto as pessoas se apresentaram insatisfeitas com seus corpos. Embora muitas afirmassem estar contentes com suas aparências, na pergunta seguinte mencionavam uma série de procedimentos que desejariam realizar. Essas alterações, na maioria das vezes, envolviam questões estéticas como cirurgias plásticas. Em uma das turmas, uma das nossas alunas trans prontamente compartilhou sua insatisfação com seu corpo, pois não se identificava com ele.

Com o intuito de ampliar o debate, decidimos realizar uma pesquisa no Google, digitando os termos "corpos femininos bonitos" e "corpos masculinos bonitos". Ao observar os resultados apresentados, constatamos a presença de padrões racistas e gordofóbicos, uma vez que os resultados mostravam predominantemente corpos magros ou musculosos de pessoas brancas. A partir disso, iniciamos uma discussão sobre como esses padrões de beleza foram estabelecidos e como as mídias, ao longo do tempo, contribuíram para a construção desses ideais. Os próprios estudantes trouxeram à tona que estão ocorrendo mudanças nos comerciais e programas televisivos, porém notamos

que isso ocorre principalmente em relação aos corpos femininos. Para enriquecer ainda mais o debate, apresentei uma reportagem sobre um grupo de homens que está se organizando para reivindicar a representação de corpos reais nas propagandas destinadas ao público masculino¹. Essas discussões nos permitiram compreender a extensão do preterimento de certos tipos de corpos pelas mídias, reforçando os padrões racistas e gordofóbicos ainda presentes em nossa sociedade.

Prosseguimos com os debates, a partir da pergunta: "O que é um corpo atlético?" A maioria dos estudantes associou essa definição a corpos altos, rápidos e musculosos. Com o intuito de desconstruir esse padrão, apresentei uma nova perspectiva: um corpo atlético é aquele que capacita você a se envolver e desfrutar das suas atividades corporais favoritas. Para ilustrar essa ideia, analisamos os corpos dos atletas brasileiros que participaram nos Jogos Olímpicos de Tóquio², observando a diversidade de biotipos presentes. Ficou evidente a diversidade dos corpos dos atletas ao analisarmos as diferentes modalidades esportivas que eles praticam. Cada modalidade requer habilidades físicas específicas, resultando em corpos variados e adaptados às demandas de cada esporte. Enquanto alguns atletas apresentam corpos esguios e ágeis, ideais para esportes como ginástica ou natação, outros exibem corpos mais robustos e musculosos, adequados para esportes de força, como levantamento de peso ou rugby. Além disso, há aqueles com corpos de maior estatura, vantajosos em esportes como basquete ou vôlei. Essa diversidade de corpos nos mostra a ampla gama de possibilidades físicas e ressalta a importância de reconhecer e valorizar a variedade de corpos presentes no cenário esportivo.

Dando continuidade a respeito da diversidade de corpos nas práticas corporais, falamos da presença dos corpos idosos. Logo que questionei sobre quais eram as práticas corporais que os idosos participavam, em todas as turmas as falas se remetiam a caminhadas, hidroginásticas, alongamentos e danças. Para enriquecer nossa compreensão, compartilhei vídeos que retratavam a participação de idosos em diferentes esportes. Destaquei o atletismo e o vôlei adaptado aos idosos, nos quais os idosos demonstravam habilidades e condições físicas melhores do que de alguns jovens e adultos presente em nossas turmas. Vimos um vídeo onde um idoso de 100 anos

¹<https://blog.mensmarket.com.br/lifestyle/campanha-pede-por-mais-corpos-masculinos-reais-na-publicidade/>

²<http://app.globoesporte.globo.com/olimpiadas/biotipos-dos-atletas/index.html>

participa de uma disputa de corrida³, lemos uma reportagem de uma idosa de 94 anos que pratica corrida de rua, chegando a 12km por dia de treino⁴, e um vídeo mostrando um pouco do JOMI (Jogos da Melhor Idade). Essas imagens nos ajudaram a desconstruir e ressignificar a ideia de que os corpos idosos são incapazes de praticar atividades intensas ou competitivas, mostrando que os corpos envelhecidos são capazes de praticar diferentes práticas corporais, para além das caminhadas, hidroginástica ou alongamentos.

Ao explorar essa diversidade de experiências e mostrar a atuação dos corpos idosos em atividades esportivas mais intensas, buscamos quebrar estereótipos negativos e valorizar a participação ativa e inclusiva de todas as faixas etárias nas práticas corporais. Essa discussão contribuiu para ampliar a visão dos estudantes sobre o envelhecimento e para incentivar o respeito e a valorização dos corpos idosos em suas diferentes manifestações físicas.

Dando continuidade sobre o tema das diversidades corporais no esporte, discutimos a presença das pessoas com deficiência nos esportes. Para isso, assistimos um vídeo apresentando as modalidades existentes nos Jogos Paralímpicos⁵. Após análise do vídeo e explicação de algumas modalidades pela professora, pedimos para que as pessoas com deficiência presentes no grupo relatassem sobre as suas experiências nos esportes ou nas práticas corporais. Em alguns casos a deficiência física veio após um acidente ou uma doença, o que fez com que esses estudantes se remetessem as suas experiências corporais antes de se tornarem uma pessoa com deficiência. Tivemos um caso de um estudante que se acidentou e teve uma amputação de perna, um outro caso em que o estudante perdeu a visão por conta de uma doença.

É interessante notar que rapidamente se reconhecem as pessoas com deficiências físicas ou sensoriais na realização dos esportes, mas muitas vezes ao ver os vídeos os estudantes perguntavam qual era a deficiência daquele atleta quando o esporte apresentado era realizado por pessoas com deficiências intelectuais. Os estudantes também ficaram surpresos ao descobrirem que os surdos não participam dos Jogos Paralímpicos e questionaram se não é pela falta de inclusão que esses atletas não participam. Pesquisamos esse fato e percebemos que a comunidade surda reconhece que não há necessidade de adaptação na forma com que eles praticam os esportes, mas

³ <https://www.youtube.com/watch?v=WDIP0RJJKsw>

⁴ <https://razoesparaacreditar.com/atleta-idosa-corre-ate-12-km-por-dia-es/>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=4HLBzp91f2E>

apenas no jeito de sinalizá-las. Segundo a comunidade surda, a participação nos Jogos Paralímpicos impediria uma maior inclusão dos surdos no evento, pois muitas pessoas não conhecem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), o que dificultaria a comunicação e a inclusão de todos. Visando essas especificidades das pessoas surdas, eles participam da Surdolimpíadas⁶.

Ao encerrar a aula após os debates, tomamos a decisão de estudar algumas das práticas corporais discutidas, buscando uma compreensão mais aprofundada de como elas estão inseridas em nossa sociedade e como são realizadas em seus contextos específicos. Era uma oportunidade para explorarmos as experiências dos sujeitos envolvidos nessas práticas.

Optamos por iniciar nossa vivência com o vôlei de idosos, reconhecendo a importância de compreender e valorizar a participação dos corpos envelhecidos nessa atividade esportiva. Dessa forma, passamos a vivenciar e entender os aspectos práticos, as dinâmicas de jogo e as experiências dos idosos que participam desse esporte.

Apresentei o esporte vôlei de idosos aos estudantes por meio de um vídeo explicativo, abordando as regras e os movimentos permitidos. Em seguida, iniciamos a prática do esporte, explorando os movimentos, compreendendo as regras e desenvolvendo estratégias para o jogo. Paralelamente, agendei uma visita ao Sesc Pinheiros, local onde há um time de idosos praticando voleibol adaptado, e na data marcada iríamos realizar um jogo contra esse time.

É relevante destacar que alguns de nossos estudantes, especialmente mulheres mais idosas, possuíam pouca ou nenhuma experiência esportiva. Durante suas infâncias e juventude, devido às condições sociais da época, não tiveram a oportunidade de brincar ou praticar esportes. Essa falta de vivência esportiva prévia trouxe desafios adicionais para a realização do jogo, mas organizamos as aulas de forma a contribuir para que essas pessoas tivessem mais experiências com a bola e com o esporte estudado. Foi interessante notar que os jovens e adultos com domínio do voleibol tradicional desempenharam um papel fundamental na promoção da inclusão de idosos e das pessoas com deficiência. Eles demonstram iniciativa garantindo que todos os estudantes participassem do jogo, levando em consideração as capacidades e limitações de cada indivíduo. Eles ofereciam orientação e apoio durante as atividades, encorajando e

⁶ A Surdolimpíadas é um evento multidesportivo internacional, organizado pelo Comitê Internacional de Esportes para Surdos (ICSD - International Committee of Sports for the Deaf). A Surdolimpíadas de Verão acontece a cada 4 anos. Em 2022 o Brasil foi o primeiro país latino-americano a sediar a Surdolimpíadas, na cidade de Caxias do Sul (RS).

incentivando a participação ativa de todos, criando um ambiente acolhedor e empático, estabelecendo uma atmosfera de respeito e valorização das habilidades individuais. Por meio dessas ações, as aulas se caracterizavam como um espaço inclusivo, no qual cada pessoa se sentia valorizada e capaz de desfrutar do voleibol, independentemente de suas características pessoais.

É importante mencionar que nossa escola não possui uma quadra. As aulas são realizadas na rua, em frente à escola, às margens da Rodovia Raposo Tavares. Essa realidade apresenta limitações físicas e de segurança que precisamos levar em consideração ao planejar e conduzir as aulas. Apesar dessas dificuldades, procuramos adaptar e otimizar o espaço disponível, buscando proporcionar uma experiência significativa para todos os estudantes, valorizando a participação e a inclusão, independentemente das condições e limitações que enfrentamos.

Nas próximas aulas, informei aos estudantes que tínhamos a oportunidade de disputar um jogo contra os idosos do Sesc Pinheiros, o que nos motivou a aprofundar nosso conhecimento, estudar mais e experimentar mais esse esporte, considerando a competição iminente. Foi interessante observar que a maioria dos nossos estudantes tem menos de 60 anos e estavam confiantes de que venceriam facilmente, baseando-se em sua juventude e melhor condição física. Essa percepção inicial nos instigou a refletir sobre a importância de valorizar não apenas a condição física, mas também a experiência, a estratégia e a técnica adquiridas ao longo dos anos pelos jogadores de vôlei de idosos.

Durante as aulas que antecederam a nossa visita ao Sesc Pinheiros, tivemos pessoas jovens, adultas e idosas participando ativamente das aulas, o que resultou em um enriquecimento significativo de seus repertórios motores, além de um aprimoramento na compreensão das regras e das técnicas de lançamento e recebimento da bola durante o jogo.

Os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar a complexidade do jogo desenvolvendo estratégias coletivas. Ao longo das aulas, pude testemunhar o crescimento não apenas em termos técnicos, mas também em termos de trabalho em equipe e solidariedade. Os estudantes aprenderam a adaptar seu jogo às habilidades individuais e necessidades dos colegas, promovendo um ambiente inclusivo e colaborativo.

Reconhecendo a desvantagem de jogar na rua, alguns estudantes solicitaram a oportunidade de realizar uma aula em uma quadra com as medidas oficiais. Entrei em

contato com o responsável pelo clube escola Solange Nunes Bibas, que fica próximo à nossa escola, e pedi permissão para realizar uma vivência na quadra de vôlei. Após acertarmos todos os detalhes, marcamos a atividade para a semana que antecedia o nosso jogo. No dia da visita, nos encontramos na escola e caminhamos até o Clube Escola, que ficava a aproximadamente 800 metros de distância, levando cerca de quinze minutos. Aproveitar o espaço da quadra oficial foi extremamente importante, pois nos familiarizamos com o tamanho da quadra. Essa vivência foi muito enriquecedora, pois os alunos puderam compreender melhor como nos posicionar em quadra e a quantidade de força necessária para nossos lançamentos, uma vez que as distâncias em nossa escola eram bem menores.

Chegando ao dia do nosso jogo contra o time de idosos, nos organizamos e utilizamos o transporte público para chegar ao SESC. Foi incrível testemunhar a atmosfera que os estudantes criaram para essa atividade. Todos estavam ansiosos e preocupados se teríamos uniformes, perguntando se poderiam levar torcida. Essa experiência revelou a falta de oportunidades de intercâmbio e eventos esportivos na educação de jovens e adultos. Ao chegarmos no SESC, a energia estava contagiante e os atletas idosos nos aguardavam entusiasmados. O professor da turma nos recebeu muito bem. Realizamos um aquecimento conjunto com os estudantes do CIEJA e os idosos do SESC. A partir daí, iniciamos os jogos com pontuação até 15. Ao final, completamos oito jogos e os alunos do CIEJA perderam todos. Foi fascinante observar a admiração dos alunos pela performance dos idosos. Em vários momentos, eles se aproximavam de mim e comentavam: *“Nossa, professora, aquela senhora é incrível!”*, *“Olha as estratégias legais que eles têm!”*, *“Eu sei para onde eles vão jogar a bola, mas não consigo pegá-la!”* Essa experiência foi importante para desconstruir a ideia de que um corpo idoso é inválido e incapaz de participar de práticas esportivas.

Os idosos, por sua vez, compartilharam suas experiências e conhecimentos acumulados ao longo dos anos, transmitindo valiosas dicas e conselhos aos estudantes do CIEJA. Essa troca de experiências enriqueceu a prática esportiva, promovendo a valorização e o respeito mútuo entre os participantes.

É fundamental destacar que os estudantes com deficiência também participaram dessa atividade e suas participações foram adaptadas de acordo com suas necessidades. Um dos estudantes, que enfrentava problemas de mobilidade, jogou sentado em uma cadeira, enquanto para os grupos com pessoas com dificuldades motoras utilizamos uma bola de espuma. Essas adaptações proporcionaram uma oportunidade de observar e

valorizar a participação das pessoas com deficiência no esporte. Foi gratificante perceber como essas adaptações permitiram que todos os estudantes se engajassem plenamente na atividade, independentemente de suas capacidades individuais. Isso nos mostrava que a escolha do tema para as aulas de educação física havia sido coerente e necessária para os nossos estudantes.

Essa vivência proporcionou uma valiosa lição sobre a importância de não subestimar a habilidade e a sabedoria acumulada com o tempo, além de nos incentivar a reconhecer o valor da inclusão e do respeito mútuo entre diferentes faixas etárias nas práticas corporais.



É interessante notar que os jogos contra os idosos ocorreram em dias diferentes para as turmas da manhã e da tarde. Quando a turma da tarde soube que os estudantes da manhã haviam perdido todas as partidas, eles ficaram preocupados e pediram para incluirmos uma aula extra antes do nosso jogo. Adaptamos os horários e acrescentamos uma aula adicional antes da partida. Esse esforço conjunto resultou em uma vitória para o CIEJA, contra as 12 vitórias do time dos idosos do SESC. Foi uma conquista significativa para a turma da tarde, que celebrou com sorrisos e entusiasmo, sem parar de falar dos jogos durante todo o caminho de volta para a escola. Essa experiência reforçou a importância da dedicação e do trabalho em equipe, além de despertar um sentimento de realização e satisfação entre os estudantes.

Com o objetivo de ampliar o estudo sobre os diferentes corpos no esporte, na aula seguinte abordei a discussão sobre os corpos LGBTQIA+, um tema que não havia sido abordado em nossa primeira aula. Como ponto de partida, promovi uma discussão sobre a presença dessas pessoas nas práticas corporais e percebi que a maioria dos estudantes não estava familiarizada com as terminologias, definições e questões específicas relacionadas à participação de pessoas trans nos esportes, e que pouco conheciam a respeito de casos de pessoas trans no esporte profissional. Mas em relação

as sexualidades, de modo geral, os estudantes expressaram que não há nada que as impeça fisicamente de participar dos esportes.

Durante a aula, apresentei reportagens e vídeos que exploravam a presença de pessoas trans no esporte e as experiências de homens gays e mulheres lésbicas nesse contexto. Um dos vídeos abordava a formação de um time de futebol composto exclusivamente por homens gays, que compartilharam relatos de medo e discriminação ao jogar com homens héteros. Enquanto assistíamos aos vídeos, um dos nossos estudantes, que é parte da comunidade LGBTQIA+, teve a coragem de compartilhar sua própria experiência, mencionando situações semelhantes às relatadas pelos participantes do vídeo. Além disso, vários estudantes mencionaram os cantos homofóbicos e xingamentos relacionados a diferentes orientações sexuais que ocorrem em algumas torcidas. Esses comportamentos representam uma forma de violência contra esses indivíduos, e ressaltamos a importância de combatermos essas atitudes.

Embora a vivência corporal em si não pudesse ser alterada, uma vez que não há mudanças nas formas de jogar ou nas regras, o debate em sala de aula foi essencial para compreendermos que o que afasta esses indivíduos das práticas corporais vai além das questões físicas.

Durante as discussões, os estudantes puderam perceber que as dificuldades enfrentadas pelas pessoas LGBTQIA+ no contexto esportivo não estão relacionadas apenas à sua habilidade ou capacidade física, mas sim às atitudes discriminatórias e à falta de inclusão que ainda persistem em nossa sociedade. Ao explorarmos reportagens e vídeos que retratavam as experiências de pessoas LGBTQIA+ no esporte, os estudantes foram confrontados com histórias reais de discriminação e desigualdade, e esse debate em sala nos ajudou a desconstruir estereótipos e preconceitos. Eles reconheceram a importância de criar espaços seguros e acolhedores para todos os indivíduos, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero ou habilidades físicas.

Apesar de termos uma aluna trans na turma, ela não se manifestou em nenhum momento, e optei por não fazer perguntas diretas, pois nem todos os alunos sabiam que ela é uma mulher trans. Respeitamos sua privacidade e buscamos criar um ambiente inclusivo e acolhedor para todos, onde o diálogo e a reflexão pudessem ocorrer de forma respeitosa e sem constrangimentos.

Na aula seguinte, decidimos abordar a presença das pessoas com deficiência no esporte, buscando ampliar e aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre os

diferentes corpos nesse contexto. Para isso, assistimos a um vídeo explicativo sobre as regras e características da bocha paralímpica⁷. Essa modalidade despertou grande interesse por envolver a participação de corpos diversos, muitas vezes marginalizados e considerados inábeis ou incapazes. Escolhemos a bocha paralímpica porque é uma atividade viável em espaços reduzidos e permite adaptações nos materiais utilizados.

A bocha paralímpica é dividida em quatro categorias: BC1, BC2, BC3 e BC4, onde "BC" significa Boccia Classification (Classificação da Bocha). As classes BC1 e BC2 abrangem atletas com comprometimentos motores mais acentuados, que necessitam de um calheiro. No contexto da bocha paralímpica, o calheiro desempenha um papel fundamental como assistente do jogador. Sua principal função é posicionar a cadeira de rodas do atleta, alinhar corretamente a trajetória do lançamento e soltar a bola. O calheiro trabalha em estreita colaboração com o jogador, levando em consideração suas habilidades e preferências individuais para otimizar o posicionamento e o lançamento da bola. Com a ajuda do calheiro, o jogador tem a oportunidade de maximizar seu desempenho e estratégia durante o jogo, tornando a bocha paralímpica uma modalidade inclusiva para atletas com diferentes níveis de mobilidade e habilidades.

Ao assistirem ao vídeo, os estudantes ficaram surpresos com as possibilidades desses corpos participarem de um esporte, uma vez que muitas vezes só lhes é apresentada a ideia do esporte para um determinado padrão corporal. Foi gratificante ver alguns de nossos estudantes se identificarem com as imagens dos vídeos e começarem a considerar a possibilidade de participar de alguma modalidade esportiva. Esse é um dos objetivos que buscamos como escola. No entanto, é essencial que, durante nossas aulas, rompamos com um olhar de pena ou com dó em relação a esses corpos, e sim permitamos aos nossos estudantes uma visão baseada no direito que essas pessoas têm de ocupar aquele espaço, praticar aquele esporte e serem reconhecidas por suas habilidades.

Para isso a realização das aulas, desenvolvi um material adaptado para a prática da bocha paralímpica. As bolinhas foram confeccionadas com areia e bexigas, garantindo que todas tivessem o mesmo tamanho e peso. Para simular a calha, utilizei um pedaço de cano de PVC cortado ao meio, desempenhando o papel de direcionador para os lançamentos. Além disso, para as experiências em que os atletas não utilizam as

⁷ https://www.youtube.com/watch?v=Y_p2dwUjwiM

mãos e contam com a assistência de um calheiro, criei um capacete a partir de capacetes de ciclismo, acrescentando uma vareta com uma colher na ponta, para realizar o lançamento da bola de forma precisa.

As adaptações foram cuidadosamente pensadas para proporcionar uma experiência mais autêntica do esporte estudado, permitindo a participação de todos os estudantes. Além da vivência como atletas, a experiência de atuar como calheiro também foi valorizada, já que nessa modalidade o calheiro não pode olhar para o jogo, ficando de costas para as bolinhas, para não influenciar nas jogadas. Isso se mostrou uma experiência significativa.



Durante as atividades, expliquei que a maioria dos esportes paralímpicos são adaptações de esportes convencionais e que o único esporte criado especificamente para pessoas com deficiência presente nos Jogos Paralímpicos é o *Goalball*, voltado para pessoas com deficiência visual. O *Goalball* é disputado em uma quadra coberta, com duas equipes de três jogadores cada. Os jogadores utilizam vendas nos olhos para garantir igualdade de condições, mesmo que alguns possuam algum resíduo visual. A bola utilizada contém guizos para que os jogadores possam localizá-la pelo som. O objetivo é marcar gols arremessando a bola em direção ao gol adversário. As equipes se alternam entre ataque e defesa. Durante o ataque, os jogadores rolam a bola pelo chão em direção ao gol adversário, enquanto a equipe defensora se posiciona no chão para tentar bloquear o arremesso. A audição aguçada e a capacidade de reação são fundamentais nesse jogo.

Após conhecer o esporte por meio de um vídeo com imagens, realizamos uma vivência prática. Como não tínhamos uma quadra disponível na escola, adaptamos o jogo para acontecer em uma sala de aula. Utilizei uma bola com guizo e vendas nos olhos para simular a experiência. Devido ao espaço limitado, o jogo foi realizado individualmente, já que a sala era pequena. Apesar da adaptação, as disputas foram

empolgantes. Foi legal ver pessoas de diferentes faixas etárias querendo experimentar o jogo, cada uma criando suas estratégias e se aventurando em algo novo.



Uma das observações que fiz foi a dificuldade em manter o silêncio durante o jogo. Risos e comentários e a tentativa de ajudar os jogadores acabavam atrapalhando o andamento da partida. Entendo que isso é algo que precisa ser aprendido e ensinado na escola, uma vez que temos uma tradição de torcer e interagir de forma diferente, oriunda de outros esportes.

Ainda com a intenção de ampliar os conhecimentos a respeito dos esportes para as pessoas com deficiência, realizamos as experiências com o vôlei sentado, uma modalidade paralímpica adaptada especificamente para atletas com deficiências físicas. Nessa modalidade, os jogadores competem sentados no chão, em uma quadra de vôlei de tamanho reduzido em relação à convencional. As regras são semelhantes ao vôlei tradicional, com a diferença de que os jogadores devem manter contato constante com o solo.

Mais uma vez, devido à falta de uma quadra e à realização das aulas na rua, pensei que não seria possível jogarmos sentados no asfalto. Portanto, adaptei o jogo para ser realizado dentro da sala de aula. Utilizei uma bexiga no lugar da bola, evitando assim possíveis danos a lâmpadas, televisores, janelas e outros objetos.

Em uma das turmas, havia dois estudantes com limitações de mobilidade que não podiam se sentar no chão. Diante dessa necessidade, realizei uma nova modificação no jogo, permitindo o vôlei sentado nas cadeiras. Com essa adaptação, todos puderam participar, tornando as aulas mais inclusivas.



Durante as vivências do vôlei sentado, observei o quanto os estudantes estavam interessados em conhecer os esportes paralímpicos. Com o intuito de ampliar e aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre o tema, agendei uma visita ao Centro Paralímpico Brasileiro. Essa visita permitiria que os estudantes conhecessem de perto os atletas, as instalações e as práticas esportivas adaptadas, além de promover uma maior compreensão sobre a importância da inclusão no esporte.

Chegado o tão esperado dia da nossa visita ao Centro de Treinamento Paralímpico, os estudantes estavam empolgados diante da oportunidade de presenciar uma competição ao vivo. Logo de início, tivemos a sorte de assistir a uma partida do Campeonato Brasileiro de *Goalball*. Além de apreciarmos o jogo acirrado, aprendemos a importância do silêncio durante a partida, algo que inicialmente nos desafiou, mas que fomos compreendendo ao longo das jogadas.



Exploramos todas as instalações do centro paralímpico, e os estudantes ficaram impressionados com o tamanho, a qualidade das instalações e a presença de tantos atletas, incluindo os alunos das escolinhas de formação. Ficaram maravilhados ao descobrir que aquele espaço era público. A academia completamente acessível e o ambiente de alta qualidade também despertaram admiração dos estudantes.

Durante a visita, tivemos a oportunidade de presenciar os treinos de diversas modalidades esportivas, como basquete sobre rodas, tênis de mesa paralímpico e futebol

de amputados. Foi incrível observar de perto a dedicação e o talento dos atletas durante suas práticas.

Além disso, fomos privilegiados ao acompanhar as aulas de iniciação esportiva para crianças nas modalidades de futebol para cegos, badminton e vôlei sentado. Essa experiência nos permitiu vivenciar o ambiente acolhedor e inclusivo das escolinhas, onde jovens atletas aprendem e se desenvolvem em meio a um local que reconhece e valoriza a sua presença e participação nos esportes.

A cereja do bolo foi quando tivemos a oportunidade de participar de uma partida de vôlei sentado na quadra oficial. Foi uma experiência única e completamente diferente das nossas vivências na escola. Experimentar o esporte no local de realização nos proporcionou uma nova perspectiva sobre o vôlei sentado. Foi uma experiência marcante, que nos fez refletir sobre as habilidades e o talento desses atletas paralímpicos.



No entanto, a visita não se limitou apenas a observar e jogar. Tivemos a oportunidade de interagir com técnicos e jogadores das diferentes modalidades. Esses encontros foram enriquecedores, pois nos permitiram compartilhar nossas curiosidades, fazer perguntas e receber valiosas dicas de jogadas daqueles que vivenciam o esporte paralímpico no dia a dia. Cada conversa nos proporcionou uma compreensão mais profunda sobre as particularidades e estratégias de cada esporte. Foi inspirador estar em contato direto com esses profissionais e atletas, que nos transmitiram seus conhecimentos.

Essa vivência no Centro de Treinamento Paralímpico nos permitiu mergulhar no universo dessas modalidades esportivas adaptadas e entender a importância da inclusão no esporte, reconhecendo a possibilidade de diferentes corpos praticarem os esportes que eles desejam.

Chegamos ao final do ano letivo com uma jornada repleta de experiências enriquecedoras relacionadas aos diferentes corpos nos esportes, acompanhadas por discussões significativas. Ao longo desse percurso, percebemos que nossa percepção em relação ao corpo idoso se transformou, compreendendo que ele nem sempre é sinônimo de fragilidade. Reconhecemos que as pessoas com deficiência também são sujeitos de direitos, rompendo com o olhar piedoso em relação aos seus corpos. Desconstruímos a ideia de que um corpo atlético se resume a ser jovem, magro e forte, passando a compreender que um corpo atlético é aquele que nos permite participar das atividades que gostamos e temos interesse. Compreendemos que as pessoas LGBTQIA+ são afastadas das práticas corporais devido às questões sociais, pois seus corpos não as impedem de se engajarem nessas práticas.

Ao embarcarmos nessa jornada de reconhecimento dos direitos dos diferentes corpos no esporte, estamos comprometidos em ampliar nosso entendimento de que a Educação Física, deve promover experiências inclusivas e significativas para todos os sujeitos presentes em nossas aulas, especialmente na educação de jovens e adultos, onde as diferenças são explicitamente presentes.

Esse trabalho também nos ajudou a reconhecer que muitos de nossos estudantes foram privados de seus direitos de participar das práticas corporais e dos esportes devido aos seus corpos serem estigmatizados pela sociedade. Precisamos romper com essa série de exclusões que esses corpos enfrentam e reconhecer que são sujeitos com direitos.

As ações didáticas realizadas ao longo do trabalho ampliaram não apenas as experiências corporais dos estudantes diante das novas vivências que foram proporcionadas, mas também promoveram uma visão mais abrangente sobre a importância do respeito à diversidade e às diferenças, mostrando o quanto é papel da escola se comprometer com a inclusão de todos os sujeitos e combater o preconceito.

Por fim, essa jornada nos mostrou a necessidade de ressignificar a forma como torcemos nos esportes. Devemos repensar as falas e cantos ofensivos e homofóbicos que algumas torcidas e torcedores entoam durante os jogos, além de aprender a torcer nas modalidades paralímpicas.